



ESCOLA DA MAGISTRATURA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

A MUDANÇA DE PARADIGMA NA ADOÇÃO DE MÉTODOS DE SOLUÇÃO DE
CONFLITOS: UMA PERSPECTIVA SISTÊMICA SOBRE A COMUNICAÇÃO NÃO
VERBAL

Helena Cristina de Carvalho Corrêa

Rio de Janeiro
2023

HELENA CRISTINA DE CARVALHO CORRÊA

A MUDANÇA DE PARADIGMA NA ADOÇÃO DE MÉTODOS DE SOLUÇÃO DE
CONFLITOS: UMA PERSPECTIVA SISTÊMICA SOBRE A COMUNICAÇÃO NÃO
VERBAL

Artigo científico apresentado como exigência
de conclusão de Curso de Pós-Graduação *Lato
Sensu* da Escola da Magistratura do Estado do
Rio de Janeiro.

Professores Orientadores:

Maria Carolina Cancelli Amorim

Ubirajara da Fonseca Neto

Rio de Janeiro

2023

A MUDANÇA DE PARADIGMA NA ADOÇÃO DE MÉTODOS DE SOLUÇÃO DE CONFLITOS: UMA PERSPECTIVA SISTÊMICA SOBRE A COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL

Helena Cristina de Carvalho Corrêa

Graduada em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-graduada em Direito Público e Privado pela Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro.

Master em Direitos Fundamentais pela Aix-Marseille Université. Pós-graduanda em Neurociências, Psicologia Positiva e Mindfulness pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Advogada.

Resumo – A evolução do conhecimento e a mudança de paradigmas determinam a migração do método cartesiano para o método sistêmico, viabilizam a compreensão holística dos sistemas sociais e da dinâmica das relações deles integrantes, sendo a percepção reflexiva do indivíduo peça chave para o deslinde das situações conflituosas.

Palavras-chave – Justiça Multiportas. Técnicas de Solução de Conflitos. Método Sistêmico. Comunicação Não Verbal. Brainets. Constelação sistêmica.

Sumário – Introdução. 1. Comunicação e visão sistêmica: aportes para maior eficácia na pacificação dos conflitos sociais. 2. Cibernética, teoria da informação e o cérebro relativístico. 3. Comunicação não verbal e constelações sistêmicas. Conclusão. Referências.

INTRODUÇÃO

Há bastante tempo, é notória a sobrecarga do sistema judicial como única porta para solução de conflitos. A noção de jurisdição desbordou os lindes do conceito tradicional de justiça como providência estatal, para englobar os meios auto e heterocompositivos, eficazes e tempestivos, com vistas a garantir a composição justa e legítima do tecido social, restabelecendo a paz social.

Partindo-se do reconhecimento da inefetividade do modelo adversarial na solução de conflito, os profissionais do direito passaram a buscar outras formas de pacificação de disputas, notadamente no modelo do common law, no sistema *Multi-door Courthouse*. A resolução 125 do CNJ e o Código de Processo Civil, assim, prestigiaram e determinaram a adoção de instrumentos como a mediação e a conciliação, a fim de garantir maior acesso à justiça e efetividade na resolução de controvérsias.

Considerando os aportes da teoria da informação, percebe-se a necessidade de buscar formas eficazes de interação das partes envolvidas nos conflitos. A partir da visão sistêmica

das relações, busca-se fixar as premissas conceituais da autocomposição; a compreensão da situação, a percepção, o interesse, a necessidade e o desejo do outro; o entendimento como base da composição, a fim de que as próprias pessoas envolvidas na situação conflituosa erijam soluções a partir de suas próprias experiências e conhecimentos. Nesse ponto, mister salientar a importância da utilização de técnicas que permitam o autoconhecimento como forma de se perceber dentro do conflito: as razões pelas quais determinadas situações geram respostas que dão margem a situações conflitivas estão na maior parte das vezes conectadas a sistemas internos, que somente vêm à tona após acesso a informações que estão gravadas no inconsciente. Técnicas terapêuticas, como a constelação sistêmica, têm se revelado extremamente eficientes para trazer a lume esses mecanismos internos, viabilizando o autoconhecimento e facilitando o diálogo entre as partes em conflito.

Pretende-se, ao longo dos capítulos, discorrer sobre a mudança de paradigma acerca do método científico empregado, do olhar cartesiano para o método sistêmico, que permite uma visão mais assertiva na escolha adequada das ferramentas para solução de conflitos, de forma mais humanizada. O emprego de conhecimentos interdisciplinares, notadamente aqueles advindos de campos como da neurociência, psicologia, sociologia, da informação, é essencial para que as soluções adotadas tenham perenidade.

Inicia-se o primeiro capítulo do trabalho apresentando-se alguns aportes da teoria da comunicação e da teoria dos sistemas. A comunicação eficiente é o ponto nodal para restabelecer o tecido social. Para que haja eficácia na transmissão da mensagem, é essencial a boa utilização das técnicas e ferramentas comunicacionais, que permitirão a redução de ruídos nos canais.

Segue-se ponderando no segundo capítulo que, por meio da mudança do método cartesiano de análise dos eventos para o método sistêmico, é possível compreender que todos os componentes da relação fazem parte de um sistema aberto em que as formas de interação englobam todos os participantes, modificando cada qual a cada interação, e o movimento progressivo dessas relações permite a evolução do corpo social inteiro. Cada indivíduo em si é um sistema, e suas interações com o meio o modificam e modificam os demais integrantes, além do próprio sistema em si. Essas interações são marcadas por inúmeras formas de comunicação, verbal e não verbal, e os conflitos fazem parte, podendo ser geridos de várias formas. A comunicação não violenta, por exemplo, é uma ferramenta pacificadora, o olhar empático permite se colocar no lugar do outro e compreender as razões pelas quais um indivíduo adotou determinada conduta em detrimento de outra. É necessário que haja o espírito de cooperação para o crescimento e desenvolvimento de todos.

Pelo método sistêmico, o observador integra a experiência: a forma pela qual exprime e vê aquilo que observa carrega as informações que estão dentro de si e vão integrar, de uma forma ou de outra, as conclusões sobre aquilo que foi observado. Nesse passo, analisar-se-á a evolução do método cartesiano para o método sistêmico, seguindo-se de um breve histórico de surgimento de teorias sobre a comunicação não verbal, aporte da neurociência de grande relevância para a compreensão da técnica terapêutica das constelações sistêmicas. Aqui, buscar-se-á demonstrar a partir da teoria do cérebro relativístico, como as informações inconscientemente armazenadas vêm à tona e são projetadas no facilitador que emprega a técnica, permitindo, desta forma, que a parte em conflito manifeste informações interiorizadas e se conscientize da situação problemática para que, dotada dessas informações, possa construir, com as outras partes integrantes da dinâmica conflitiva, a solução da questão. A mente criadora é capaz de transmutar situações de combate em situações de cooperação.

Sobre este ponto, será feita uma breve análise de como a visão sob a dinâmica de redes permite a compreensão da necessidade cooperativa entre os integrantes do sistema, e como a posição que um indivíduo ocupa em determinado sistema, familiar ou corporativo, tem implicância direta na utilização de determinados padrões de comportamento, por vezes, repetidos de forma automática, sem qualquer reflexão previa acerca do modo de agir.

A constelação sistêmica surge como ferramenta útil para que o indivíduo se perceba no sistema, se contextualize e se visualize de forma a entender os motivos pelos quais determinado conflito apareceu e como pode ser resolvido, eficaz e perenemente a partir da identificação dos padrões.

1. COMUNICAÇÃO E VISÃO SISTÊMICA: APORTES PARA MAIOR EFICÁCIA NA PACIFICAÇÃO DOS CONFLITOS SOCIAIS

Para Maturana e Varela¹, “toda vez que há um fenômeno social há um acoplamento estrutural entre indivíduos” e, portanto, é possível descrever uma conduta de coordenação entre esses indivíduos, sendo a comunicação “o desencadeamento mútuo de comportamentos coordenados que se dá entre os membros de uma unidade social”². A partir dessas observações, é possível perceber a importância de uma comunicação clara, limpa e sem ruídos, a fim de que se estabeleça o funcionamento perfeito do sistema como um todo e das

¹MATURANA, Humberto R; VARELA, Francisco J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2001, p. 214.

²Ibid.

relações sociais em particular.

Comunicar é, portanto, um processo de interação em que os atores envolvidos trocam mensagens por meio verbal ou não verbal. É essencialmente uma troca, e a forma pela qual a mensagem é transmitida vai possibilitar o alcance ou não do objetivo pretendido, satisfazendo a necessidade apresentada. É por meio do diálogo saudável, interno e externo, obtido por uma comunicação não violenta, que são percebidas as necessidades dos envolvidos e a satisfação de tais necessidades num sistema em que todos tenham seus interesses atendidos (ganha-ganha), pacificando-se, desta forma, o conflito nascido pela divergência da percepção das situações por cada parte.

Pela ótica sistêmica, e a se considerar que a sociedade não é formada tão somente por indivíduos separados, mas por sistemas integrados por subsistemas que se conectam pela linguagem³, percebe-se que os conflitos derivam da composição de todos os outros fatores que integram sua ocorrência. Assim, “as propriedades essenciais de um organismo ou sistema vivo são propriedades do todo, propriedades que nenhuma das partes possui”⁴ isoladamente. Essas propriedades vão surgir das interações e das relações entre as partes: se o sistema for decomposto, dissecado, tal qual pressupõe o método cartesiano, as partes, de forma independente, não sobrevivem. A natureza do todo difere da soma da natureza dos elementos que o compõem e, aqui, há bastante clareza na urgência da mudança de paradigma, de sair-se do método cartesiano e dirigir-se para o método sistêmico, que prestigia a observação do contexto: a compreensão das partes é feita a partir da compreensão da organização do todo.

Na interface entre os indivíduos, há naturalmente o conflito, que é a manifestação externa das necessidades internas de cada um, contrapostas aos demais. Posto isso, é natural que, para a preservação do sistema macro, se busque o equilíbrio como forma de autopreservação.

Esse equilíbrio é obtido pela alteridade, ou seja, pela capacidade de se colocar no lugar do outro e, por conseguinte, pela tomada de consciência de que “o mundo é o que nós construímos em conjunto com os outros”⁵. A interface entre os indivíduos, suas experiências e o meio ambiente, promove a evolução das espécies. Ocorre o que Maturana e Varela⁶ definem como “acoplamento estrutural”, fenômeno que tem lugar quando um sistema vivo interage recorrentemente com seu ambiente, acarretando a cada interação, uma mudança estrutural

³Ibid.

⁴CAPRA, Fritjof; LUISI, Pier Luigi. *A Visão Sistêmica da Vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas*. São Paulo: Cultrix, 2014, p. 95.

⁵Op. cit. 1, p. 267.

⁶Op. cit. 1, p. 87.

naquele sistema, que vai evoluindo paulatinamente.

A estrutura do sistema vai trazer gravada em si sua história. Nicollellis⁷ cita o estudo feito por Andrew Ellicott Douglass⁸⁹, sobre dendrocronologia, que atestou a possibilidade de se mensurar a idade de árvores fossilizadas, assim como das condições climáticas de eras passadas a partir dos anéis arbóreos, que seriam gravações, registros na matéria orgânica da estocagem de informações obtidas por meio das trocas com o meio ambiente. Nicolellis¹⁰ explica que, no caso dos anéis arbóreos, a energia solar é dissipada para que a informação seja diretamente embutida na matéria orgânica que define a estrutura do tronco da árvore.

A partir dessa informação, esse autor considerou a existência de computadores orgânicos, distintos dos mecânicos, eletrônicos, digitais e quânticos. Os computadores orgânicos emergem do processo de evolução. As informações gravadas magneticamente no mais ínfimo dos sistemas componentes de um sistema maior, o cérebro, são emanadas ao ambiente e se retro alimentam, formando uma dinâmica de redes. Esse olhar integrativo é o diferencial do pensamento sistêmico. Nessa linha, é possível a compreensão de que informações gravadas estruturalmente na mente do indivíduo podem ser trazidas à tona por meio da comunicação não verbal.

A mudança de perspectiva das partes para o todo é a primeira característica mais importante do pensamento sistêmico, assim como a multidisciplinaridade. Essa noção é trazida por Capra¹¹, dispondo que a visão sistêmica da vida “nos ensina que todos os sistemas vivos compartilham um conjunto de propriedades e princípios de organização comuns”. Isso significa que o pensamento sistêmico é inerentemente multidisciplinar.

Outro ponto que merece destaque no que tange à necessidade dessa mudança de paradigma é quanto ao deslocamento de foco dos objetos para o estudo das relações que, ao contrário daqueles, não podem ser medidas nem pesadas, mas mapeadas. Aqui surge o conceito de padrão: quando se faz o mapeamento das relações, algumas configurações se repetem e surgem os ciclos, fronteiras e redes, por exemplo. Deixa-se de priorizar as estruturas para valorizar os processos.

A compreensão do processo de conhecimento passa a ter uma relevância maior do

⁷NICOLELLIS, Miguel. O Verdadeiro Criador de Tudo: *Como o cérebro humano esculpiu o universo como nós o conhecemos*. 3. ed. São Paulo: Planeta, 2020, p.49.

⁸A. E. Douglass criou e desenvolveu a dendrocronologia, que é um método científico de datação da idade de uma árvore baseado nos padrões dos anéis em seu tronco e estabelecida de acordo com o clima das épocas, e por isso, torna-se um grande método de datação absoluto dos climas passados.

⁹DOUGLASS apud NICOLELLIS, Miguel. O Verdadeiro Criador de Tudo: *Como o cérebro humano esculpiu o universo como nós o conhecemos*. 3. ed. São Paulo: Planeta, 2020, p. 85.

¹⁰Op. Cit. 7.

¹¹Op Cit. 4.

que as descrições científicas em si, ou seja, a epistemologia é alçada a um nível superior, uma vez que se passa a ter a compreensão de que o processo pelo qual determinado fenômeno é compreendido é tão importante quanto a descrição do fenômeno em si: o método de investigação passa a integrar as teorias científicas. Com isso não se quer dizer que o rigor das descrições científicas deva ser abandonado, mas, sim, que o sujeito que observa a dimensão subjetiva passa a integrar as teorias. A observação humana de determinado fenômeno vai sempre carrear a subjetividade inerente e não deve ser desconsiderada. Por fim, há que se relevar o caráter de não definitividade que a abordagem sistêmica dá ao conhecimento. O que se tem nesse contexto mutacional e evolutivo é que não se pode trabalhar com o juízo de certeza como preceituado pelo método cartesiano, mas com um juízo de probabilidade, advindo do conhecimento aproximado e limitado. Não há verdade absoluta.

O conceito de sistema e de pensamento sistêmico foram desenvolvidos por Ludwig von Bertalanffy¹², biólogo que reuniu vários cientistas com o fito de discutir temas filosóficos dos mais variados no conhecido Circulo de Viena¹³. Buscavam a substituição dos fundamentos mecanicistas das ciências por uma visão holística. Defendendo a teoria geral dos sistemas como uma ciência geral da totalidade, Bertalanffy causou um choque na área do conhecimento científico ao trazer à baila a questão da evolução e a distinção entre os sistemas físicos e biológicos. A primazia da mecânica newtoniana¹⁴ cedia espaço ao pensamento evolutivo, que enfatiza e lida com as ideias de mudança, crescimento e desenvolvimento.

Essa nova ciência da complexidade passou a lidar com dilemas tais como explicar a necessidade dos organismos de se alimentar de um fluxo contínuo de matéria e energia, o que não cabe dentro do conceito de sistema fechado de equilíbrio termodinâmico, preceituado pela termodinâmica clássica. Segundo a segunda lei da termodinâmica clássica, um sistema, para se manter em equilíbrio e ordem, tem que dissipar energia. Como explicar que um organismo tem que se manter em um fluxo constante para permanecer vivo? Bertalanffy¹⁵ considerou que em tal situação, estar-se-ia diante de um sistema aberto. Em sistemas abertos, com

¹²Foi o criador da teoria geral dos sistemas, autor do livro de mesmo nome. Criticou a visão de que o mundo é dividido em diferentes áreas, como física, química, biologia, psicologia etc. Ao contrário, sugeria que se deve estudar sistemas globalmente, de forma a envolver todas as suas interdependências, pois cada um dos elementos, ao serem reunidos para constituir uma unidade funcional maior, desenvolvem qualidades que não se encontram em seus componentes isolados. Ludwig von Bertalanffy – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)

¹³O Círculo de Viena foi o nome como ficou conhecido um grupo de filósofos que se juntou informalmente na Universidade de Viena de 1922 a 1936, composto por cientistas que, apesar de atuarem em várias áreas como física, economia etc., buscaram resolver problemas de fundamento da ciência, problemas estes levantados a partir do descontentamento com os neokantianos (seguidores de Kant) e os fenomenólogos (seguidores de Hegel).

¹⁴Mecânica Newtoniana é o estudo da relação causal, no mundo natural, entre força, massa e movimento.

¹⁵BERTALANFFY, Ludwig Von. *Teoría General de los Sistemas. Fundamentos, Desarrollos, Aplicaciones*. Fondo de Cultura Económica. Traducción Juan Almela. México, 1968, p. 48.

contenção da energia, haveria a diminuição da entropia, conceito que denota a situação de desordem.

Segundo Nocolis, com os estudos de Ilya Prigogine¹⁶ sobre a matemática da complexidade, que permitiu repensar as concepções tradicionais sobre ordem e desordem, surgiu uma nova ciência que envolvia comunicação e controle, a cibernética, responsável pelo desenvolvimento e aprimoramento da teoria dos sistemas.

2. CIBERNÉTICA, TEORIA DA INFORMAÇÃO E O CÉREBRO RELATIVÍSTICO

A cibernética voltou-se para o estudo dos padrões de comunicação, principalmente os ciclos fechados e as redes, tendo chegado aos conceitos de feedback e autorregulação. Houve a expansão do conceito de padrão, padrões de comunicação e controle, comuns aos animais e às máquinas e que são características-chave da vida. “Somos apenas redemoinhos em um rio cujas águas fluem incessantemente. Não somos material que subsiste, mas padrões que se perpetuam.”¹⁷.

O movimento da cibernética surgiu na época da Segunda Guerra Mundial, realizado por um grupo de ciberneticistas formado por matemáticos, engenheiros e neurocientistas. Norbert Wiener, Claude Shannon¹⁸, entre outros, visavam a descobrir os mecanismos neurais subjacentes aos fenômenos mentais e de expressá-los em linguagem matemática explícita¹⁹. Gregory Bateson²⁰, inspirado por Wiener, tinha um enfoque transdisciplinar sobre as ciências e buscava descobrir princípios de organização comuns às diversas áreas do conhecimento de fenômenos associados à vida: buscava o padrão que conecta. Trouxe o conceito de mente, baseado em conceitos cibernéticos: identificando a natureza da mente como um fenômeno sistêmico, deu o passo mais importante para derrubar a visão cartesiana que separava a mente do corpo.

¹⁶O físico-químico russo Ilya Prigogine dispõe que a ciência, no século XX, passou por uma verdadeira metamorfose cuja visão leva em conta a reinserção do mundo humano no mundo natural.

¹⁷WIENER, Norbert. *Cibernética ou comunicação e controle no animal e na máquina*. Cambridge, Massachusetts: The M.I.T. Press, 1985, p. 92. Disponível em: https://www.academia.edu/41557271/Cybernetics_or_Communication_and_Control_in_the_Animal_and_the_Machine_Norbert_Wiener. Acesso em: 23 jan. 2023.

¹⁸SHANNON, Claude. *A Mathematical Theory of Communication*. Bell System Technical Journal, 1948, p.55. Disponível em: <<https://people.math.harvard.edu/~ctm/home/text/others/shannon/entropy/entropy.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

¹⁹CAPRA, Fritjof; LUISI, Pier Luigi. *A Visão Sistêmica da Vida: Uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas*. São Paulo, Cultrix, 2014. p. 121.

²⁰BATESON, Gregory. *Mente e natureza: a unidade necessária*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986, p. 83. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/260196194/Bateson-Mente-e-Natureza-a-Unidade-Necessaria#>. Acesso em: 12 fev. 2023

A definição do feedback de Wiener foi elemento essencial para a evolução da teoria dos sistemas. Feedback, para esse autor, é “um arranjo circular de elementos causalmente conectados, nos quais uma causa inicial se propaga ao longo das conexões do ciclo, de modo que cada elemento exerce um efeito sobre o seguinte, até que o último “realimenta” ou “retroalimenta” (“feeds back”) o efeito no primeiro elemento do ciclo. A consequência desse arranjo é que a primeira conexão (input ou entrada) é afetada pela última (output ou saída), resultando em uma autorregulação de todo o sistema à medida que o efeito inicial é modificado cada vez que ele viaja ao redor do ciclo²¹.

Esse conceito é aplicável tanto a sistemas vivos como também a sistemas sociais, tendo afirmado Wiener que “é certamente verdadeiro o fato de que o sistema social é uma organização como o indivíduo, que é mantida coesa por meio de um sistema de comunicação, e que possui uma dinâmica na qual processos circulares da natureza da retroalimentação desempenham um importante papel.”²².

O *feedback* num sentido genérico significa a transmissão de informações a respeito do resultado de qualquer processo ou atividade de volta para o ponto de partida. O ciclo de *feedback* é essencial à autorregulação do sistema, a homeostase, pela qual os organismos vivos conseguem se manter em estado de equilíbrio dinâmico.

Nesse contexto, tornou-se importante o estudo da informação. Essa é uma parte importante da cibernética e foi desenvolvida por Wiener e por Claude Shannon no final da década de 40, visando a desenvolver métodos para medir e quantificar as mensagens transmitidas por meio de sinais através de um canal ruidoso.

A teoria da informação trazida por Shannon tornou-se pedra basilar para a construção do arcabouço teórico da ciência da computação. Os ciberneticistas buscavam os padrões de comunicação e controle com base na lógica da mente e da consciência humana: os mecanismos de memória e capacidade de adaptação do cérebro e a sofisticação do padrão de funcionamento dos processos neurais, que serviram de base para o desenvolvimento dos computadores digitais. Passou-se a ver o processo de cognição como o processamento de informações, ou seja, o reconhecimento e manipulação de símbolos veiculados por mensagens, baseados num conjunto de regras.

Na década de 70, por meio da aplicação do pensamento sistêmico, foi identificado o mecanismo de auto-organização do cérebro, que revelou a importância do reconhecimento do conceito de padrão de organização. A compreensão da vida passa pela compreensão do que

²¹WIENER, Norbert. *Cybernetics*. Cambridge, MA: MIT Press, 1948. Reimpressão, 1961, p. 96.

²²Ibid.

seja o padrão e daí se torna mais fácil o entendimento da capacidade de auto-organização do sistema, cuja configuração se traduz pelo conjunto de relações ordenadas. O padrão identifica, portanto, as propriedades sistêmicas.

O padrão comum ao funcionamento dos sistemas vivos é o padrão de rede, e a não linearidade é a propriedade mais óbvia desse padrão. Com efeito, se o sistema funciona com as conexões que crescem para todos os lados a fim de que se permita a volta pelo circuito da informação, gerando o feedback do ciclo, não há que se falar em linearidade. Assim são as redes de comunicação: são capazes de gerar feedback e regular a si mesmas. Sistemas integrados, como o cérebro humano, em decorrência da riqueza dos comportamentos dinâmicos²³, funcionam desta forma. Os sistemas vivos são sistemas cognitivos, e a vida como processo é um processo de cognição. Aprendendo com os erros, uma comunidade pode se corrigir, se regular e se organizar. Esse aprendizado é obtido por uma rede de comunicação ativa: com a propagação das consequências dos erros, haverá o retorno à fonte por meio de mecanismos de feedback, gerando, assim, o aprendizado que permitirá a evolução do comportamento. A aprendizagem e o desenvolvimento são, assim, dois lados da mesma moeda.

Nicolelis explica que o cérebro se modifica, tanto anatômica como funcionalmente em resposta a tudo com o que interage, quer durante o aprendizado de novas habilidades, quer quando há modificações nas interações do indivíduo com o meio, o que caracteriza a plasticidade neural²⁴. Esclarece que, em qualquer momento, o estado global do cérebro determina como ele vai responder a um estímulo sensorial do mundo exterior, sendo que, mesmo durante diferentes estados internos cerebrais, os mesmos neurônios podem responder a um mesmo estímulo sensorial, ou seja, essa observação demonstra que o cérebro se vale do seu próprio ponto de vista para tomar decisões acerca de eventos ocorridos no exterior.

O axioma central da teoria do cérebro relativístico desenvolvida por Nicolelis é que o modo de operação geral do cérebro é baseado em uma contínua comparação de um modelo interno do mundo com o fluxo multidimensional de informação sensorial que alcança o sistema nervoso central a cada momento da vida. Apresentada em 2015, buscando solucionar um dos problemas da neurociência a partir da consideração de que o cérebro funciona por meio de uma contínua mistura de sinais analógicos e digitais, essa teoria adotou o termo relativístico por denotar a inexistência de ponto de referência fixo para descrever fenômenos naturais. A noção de campo eletromagnético, é portanto, fundamental para a compreensão

²³Op. cit. 4, p. 159.

²⁴Op. cit. 7, p. 79.

desse funcionamento.

Os campos eletromagnéticos permitiriam que o cérebro operasse como o sistema computacional integrado, ao mediar a troca de informação entre todas as dimensões de processamento do sistema nervoso central, do nível quântico ao nível dos circuitos.

Pela teoria de Nicolelis²⁵, esses campos permitem a geração de propriedades emergentes neuronais que estão por trás das funções mentais e cognitivas mais complexas, e viabilizam a combinação quase que instantânea de todas as funções cerebrais, funcionando como um computador orgânico, gerando um contínuo espaço temporal neuronal. O espaço e o tempo neuronal funcionariam da mesma forma que Einstein postulou na teoria geral da relatividade²⁶ para todo o universo.

A teoria do cérebro relativístico explica que o senso de ser e a imagem corporal do cérebro emergem a partir do campo eletromagnético distribuído. Posto isso, o que se conclui é que o cérebro funcionaria como um computador biológico para a geração de habilidades cognitivas complexas, como a intuição. A partir desse ponto, pode-se explicar a comunicação não verbal.

A descoberta dos neurônios espelhos na continuidade da pesquisa feita por Nicolelis permite explicar a interação de dois seres humanos face a face em que há o acoplamento cérebro-cérebro; sinais gerados pelo cérebro de um indivíduo e recebido por outro podem acoplar funcionalmente esses dois sistemas nervosos no tempo e no espaço. Esse acoplamento foi nomeado pelo autor de *brainet*: uma conexão entre cérebros que formaria um computador orgânico distribuído. Uma *brainet* se estabelece quando dois sinais contínuos entram em contato um com o outro.

Nesse ponto, cumpre salientar que a linguagem oral não é a única forma de emissão de sinais; gestos, estimulação tátil, imagens, luz, som, ondas de rádio ou eletromagnéticas também o são. A comunicação em rede se estabelece e permite a veiculação de informações sincronizadas. As *brainets* permitem, desta forma, transformar a informação fornecida pelo outro, pelo universo, em uma informação capaz de ser transmitida a gerações futuras.

²⁵Op.cit.7.

²⁶SANTOS, Marco Aurélio da Silva. Teoria da relatividade. *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/fisica/teorias-da-relatividade.htm>. Acesso em 03 de abril de 2023.

3. COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL E AS CONSTELAÇÕES SISTÊMICAS NA SOLUÇÃO DE CONFLITOS

Ao considerar que a transmissão de informações armazenadas no cérebro humano acontece por meio de transmissão eletromagnética, constituindo uma verdadeira rede de computadores biológicos e, ainda, que essas informações modificam a estrutura e, por conseguinte, o modo de perceber a realidade circundante, passa-se a analisar a técnica das constelações sistêmicas.

A teoria geral dos sistemas é uma teoria da totalidade, que deixa a certeza do método cartesiano e passa ao conhecimento aproximado alcançado por meio de um pensamento evolutivo, que lida com ideias de mudança, interações, crescimento e desenvolvimento. O ser humano é um sistema aberto e considera-se que, em sistemas abertos, “novas formas de conviver, de agir e de interagir são criadas pelas pessoas que elegem a criatividade como fonte de pensamentos não pensados, dando espaço para todos serem do jeito que quiserem ser”²⁷. As mudanças estruturais devem ser compreendidas, antes de mais nada, como atos de cognição decorrentes da criatividade, sendo a vida em si um processo de cognição.

Para validar a técnica de constelações é útil lembrar Thomas Kuhn que, ao dissertar sobre a pré-condição necessária ao surgimento de novas teorias, tematiza a rejeição de um paradigma com a abertura de uma nova via: “uma teoria consolidada em paradigma só é superada com a adoção de novo paradigma”²⁸. Paradigmas são um padrão, um modelo, um sistema de crenças que regem a visão de mundo de determinado grupo. Para Maturana e Varela²⁹, paradigmas funcionam como domínios explicativos. Uma explicação é sempre uma proposição que reformula ou recria as observações de um fenômeno, num sistema de conceitos aceitáveis para um grupo de pessoas que compartilham um critério de validação. A visão sistêmica da vida permite a compreensão da interdependência e da interdisciplinaridade das relações, tornando evidente a necessidade de troca para a sobrevivência. Essa troca de informações é percebida na dinâmica das constelações sistêmicas. A relação entre mente e cérebro passa a ser vista como processo e estrutura, *software* e *hardware*. Outro ponto importante é o conceito de consciência: a consciência é um tipo de processo cognitivo, e a

²⁷TRENDINNICK, André Felipe Alves da Costa, FERREIRA, Juliana Lopes (Org.). *Conversando sobre constelação familiar na Justiça*. Florianópolis: Tirant Lo Blanch, 2019, p. 31.

²⁸KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2018, p.160.

²⁹Op. cit. 1, p. 34.

cognição alcança um nível maior de complexidade, com a experiência de autopercepção³⁰.

A explicação de eventos cognitivos é um grande desafio enfrentado pela ciência. A experiência consciente não pode ser explicada apenas com base em mecanismos neurais; posto que advém da dinâmica não linear das redes neurais, as *brainets*. A compreensão dessa dinâmica é essencial, assim como o entendimento dos fenômenos subjetivos, ou seja, das experiências vividas pelo observador, que estão sempre implícitas na ciência³¹. Entre as escolas de pensamento³² dedicadas ao estudo da consciência, a neurofenomenologia, cujo pioneiro foi o mesmo Francisco Varela, vem tendo destaque. Ao pensar sobre a experiência vivida, o ser humano faz reflexões, emite juízos de valor, cria, se determina e age. Conclui-se, então, que a consciência não é somente um fenômeno biológico, mas social, porque está intrinsecamente ligada à linguagem e à comunicação.

Segundo Maturana³³, a linguagem é um fenômeno que ocorre não somente no cérebro, mas em um fluxo contínuo de coordenações de comportamentos. Traduz-se no uso de símbolos que denotam as abstrações mentais do indivíduo, frutos da consciência, que se desdobram em dois níveis: a consciência primária e a consciência reflexiva. É pela consciência reflexiva que se associa o sentido expandido do eu, um sentido refinado, acrescido de imagens autobiográficas memorizadas. Nela está a fonte do comportamento e, muitas vezes, o acesso a ela permite a compreensão do agir e da dinâmica das relações sociais conflituosas. “Refletir viabiliza o diálogo interno e permite a identificação das vozes internalizadas que atravessaram e atravessam” a história do indivíduo³⁴. Entre as técnicas terapêuticas utilizadas para acessar essas memórias gravadas no inconsciente e permitir a consciência reflexiva está a constelação sistêmica, que

podem ser definidas como um conjunto de ferramentas que possibilita a identificação da origem ou do motivo dos conflitos humanos que escondem por detrás das demandas judiciais, trabalhando padrões destrutivos do comportamento e da interação do sujeito com o grupo familiar ou com seu grupo de convívio, auxiliando na compreensão mútua, potencializando assim o restabelecimento do diálogo e prevenindo futuros litígios.³⁵

³⁰Op. cit. 19, p. 323.

³¹A fenomenologia é um ramo da filosofia moderna fundado por Edmund Husserl, cujo foco é o exame disciplinado da experiência consciente com a análise dos padrões e processos neurais correspondentes, ou seja, a fisiologia cerebral e a experiência consciente devem ser analisadas como áreas de pesquisa interdependentes e consideram a visão de quem observa.

³²Op. cit. 27, p. 47.

³³MATURANA, Humberto R. *A ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2014, p. 14.

³⁴ALMEIDA, Tania. *Caixa de Ferramentas em mediação: aportes práticos e teóricos*. 7.ed. São Paulo: Dash, 2020, p. 149.

³⁵BAGGENSTOSS, Grazielly A.; FIEGENBAUM, Magda. *A eficácia das constelações sistêmicas como método de pacificação dos conflitos familiares. Formas consensuais de solução de conflitos* [Recurso eletrônico online]. VII ENCONTRO INTERNACIONAL DO CONPEDI/BRAGA – PORTUGAL. Organização CONPEDI/

A abordagem terapêutica nomeada constelação sistêmica, percebida por Bert Hellinger³⁶³⁷ no trabalho da terapeuta familiar e assistente social americana Virginia Satir³⁸ e apresentada nos anos 80 como um método de terapia sistêmica, consiste em identificar as dinâmicas ocultas das relações de um determinado grupo, gravadas no subconsciente do indivíduo. Há forças que interagem no interior do sistema e que permitem que os componentes se posicionem, autorizando o fluxo e funcionamento do sistema. Quando a ordem estabelecida dentro desse sistema não é seguida, há um desequilíbrio tanto na estrutura interna do elemento e, pior, por conseguinte, do sistema como um todo³⁹.

A técnica consiste em colocar os participantes a representar os papéis e as interações familiares da pessoa sob análise, ora chamado “constelado”. Numa constelação tradicional, o constelador convida outras pessoas a participarem da dinâmica das relações emaranhadas, para se colocarem nos papéis dos membros do grupo ao qual pertence o constelado. Por um mecanismo de comunicação não verbal, as informações gravadas no subconsciente do constelado afloram nos participantes, e o constelador pode então perceber o que exsurge, e passa a tentar identificar os comportamentos e questões que afligem o constelado. Nesse ponto é importante destacar a relevância do reconhecimento dos mecanismos de comunicação não verbal, abordados anteriormente na teoria do cérebro relativístico. Não há que se falar, portanto, que não há base científica no que tange a essa abordagem. É uma questão de mudança de paradigma.

Cumpre salientar aqui que a denominação dada a essa abordagem, numa tradução do alemão para o inglês, está relacionada com o verbo *stellen*, que designa posição. Bert Hellinger sistematizou a abordagem das constelações, elaborando o que chamou de leis sistêmicas, que seriam as forças que permitem o equilíbrio e funcionamento do sistema. A primeira lei sistêmica seria a Lei do Pertencimento, pela qual o indivíduo se percebe e é visto como membro integrante do grupo, ocupando determinada posição. A exclusão de um membro do sistema gera instabilidade, mas o próprio sistema se autorregula para restabelecer

UMinho, 2017, p. 1144. Disponível em: <<http://site.conpedi.org.br/publicacoes/pi88duoz/fik89gls/T2USufbZ0e68xpg2.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2022.

³⁶Anton Suitbert Hellinger nasceu em 1925 na Alemanha estudou filosofia, teologia e pedagogia. Serviu o exército e tornou-se padre missionário na África do Sul onde atuou durante muito tempo na educação.

³⁷HELLINGER apud JUSTINO, Monica da Silva. *Psicogenealogia: um novo olhar na transmissão da memória familiar*. Curitiba: Artêra: Appris, 2017, p.75.

³⁸Virginia Satir (26 de junho de 1916 - 10 de setembro de 1988) foi uma autora e psicoterapeuta norte-americana, conhecida sobretudo pela sua abordagem de terapia familiar e por seu trabalho com constelações sistêmicas. Uma das ideias mais inovadoras de Satir na época era a de "questão presente" ou "problema de superfície", isto é, a ideia de que a questão que se apresentava raramente era o problema real, mas sim a forma como as pessoas lidavam com a questão criava o problema. Ela também demonstrou que a baixa autoestima pode causar problemas específicos nos relacionamentos.

³⁹Op. cit. 27, p. 52.

a integralidade da rede interna de vínculos por meio dos emaranhamentos, que seriam os comportamentos deslocados dos demais integrantes para essa composição.

A Lei da Hierarquia, a segunda elaborada por Hellinger se refere ao momento de entrada do indivíduo no sistema: hierarquicamente superior seria o membro que entrou primeiro no sistema, ocupando, desta forma, uma posição que permita o fluxo da vida, criando condições de sobrevivência e orientando os membros que ingressaram posteriormente, até que estes os substituam no momento em que se forem.

À terceira lei sistêmica, Bert Hellinger chamou de Lei do Equilíbrio entre o dar e receber, pela qual se estabelece o parâmetro de relacionamento entre os membros integrantes do grupo. O equilíbrio das relações ocorre quando há a troca entre o dar e o receber: quem dá cria expectativa de receber algo em troca e quem recebe sente uma pressão de compensar o que ganhou.

Inúmeras são as críticas à abordagem de Bert Hellinger, porém, quase todas podem ser rechaçadas à medida que se compreende a sua formação e época de atuação, não se podendo descartar a técnica ou simplesmente repeti-la automaticamente, sem buscar sua verdadeira essência. A ordem e hierarquia defendidas por Hellinger dentro de um sistema familiar são carregadas de valores impregnados da visão do observador, missionário jesuíta e patriarcal, que atribui a estabilidade de uma família, por exemplo, à posição da mulher hierarquicamente inferior ao homem. Em razão de interpretações errôneas sobre essa hierarquia familiar, além do apego cartesiano, é que a técnica da constelação é muito criticada. Todavia, é inegável que as informações gravadas no inconsciente podem ser transmitidas de forma não verbal. O que é preciso é desmistificar a prática. Não há nada de esotérico nessa abordagem.

É preciso, contudo, que haja a atualização dos conceitos para que o conceito de equilíbrio exsurja de um lugar mais adequado, como o exposto na teoria da dinâmica da espiral, tal qual descrita por Don Beck e Chris Cowan⁴⁰. A abordagem sistêmica do conflito, segundo a técnica da constelação, é ferramenta útil à promoção do autoconhecimento e visa ao restabelecimento do equilíbrio do sistema.

⁴⁰CORDEIRO, José Vicente. *A dinâmica da espiral e o problema do Brasil*. Integral WorksIW16002, 2016. Disponível em: < <https://integralworks.com.br/noticias/iw16002>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

CONCLUSÃO

A questão da ordem e da hierarquia como descritas por Hellinger, devem ser compreendidas de acordo com o contexto atual, liberando-se dos conceitos em que foram originalmente desenhadas. Considerando-se que o ser humano é um sistema aberto e que, por conseguinte, o grupo ao qual ele pertence também o é, e, portanto, em fluxo contínuo mutacional, não se pode perceber a dinâmica dos sistemas sociais como um sistema fechado, com conceitos hermeticamente determinados no século passado. As constelações sistêmicas vêm sendo utilizadas como mecanismos de resgate de “vínculos entre as pessoas pertencentes” a um determinado sistema, por meio da comunicação não verbal estabelecida entre os participantes, que manifestam as informações gravadas no inconsciente por meio das *brainets*. Desmistifica-se o conceito esotérico ou de manifestação espiritual que são atribuídos às constelações, descredenciando sua prática institucional. É uma ferramenta útil na solução de conflitos, na medida em que permite o autoconhecimento.

As informações obtidas no contexto das constelações sistêmicas possibilitam a consciência do fluxo de vida, da dinâmica das relações em rede e, por conseguinte, dos mecanismos que geram os conflitos, possibilitando, assim, que soluções adequadas sejam erigidas pelas pessoas envolvidas. Percebe-se um maior senso de autorresponsabilidade e pertencimento à coletividade, viabilizando, assim, a possibilidade de identidade com o grupo.

No âmbito do Poder Judiciário brasileiro, a utilização de técnicas de terapia no tratamento de divergências e conflitos é fomentada pela Resolução 125/2010 do CNJ, que incentiva a resolução de situações conflituosas de modo restaurativo. Assim, vários Estados vêm utilizando essa abordagem para maior conscientização nas relações em conflito e têm obtido bastante êxito com a medida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tania. *Caixa de Ferramentas em mediação: aportes práticos e teóricos*. 7. ed. São Paulo: Dash, 2020.

BAGGENSTOSS, Grazielly A.; FIEGENBAUM, Magda. *A eficácia das constelações sistêmicas como método de pacificação dos conflitos familiares. Formas consensuais de solução de conflitos* [Recurso eletrônico online]. VII ENCONTRO INTERNACIONAL DO CONPEDI/BRAGA – PORTUGAL. Organização CONPEDI/ UMinho, 2017. Disponível em: <<http://site.conpedi.org.br/publicacoes/pi88duoz/fik89gls/T2USufbZ0e68xpg2.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2022.

BATESON, Gregory. *Mente e natureza: a unidade necessária*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/260196194/Bateson-Mente-e-Natureza-a-Unidade-Necessaria#>>. Acesso em: 12 fev. 2023.

BERTALANFFY, Ludwig Von. *Teoría General de los Sistemas. Fundamentos, Desarrollos, Aplicaciones*. Fondo de Cultura Económica. Traducción Juan Almela. México, 1968.

BRASIL. Lei n. 10.406 de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 jan. 2002. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406compilada.htm>. Acesso em: 30 jan. 2023.

CAPRA, Fritjof; LUISI, Pier Luigi. *A Visão Sistêmica da Vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas*. São Paulo: Cultrix, 2014.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Resolução 125 de 29 de novembro de 2010. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2014/04/resolucao_125_29112_010_23042014190818.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2022.

CORDEIRO, José Vicente. *A dinâmica da espiral e o problema do Brasil*. Integral WorksIW16002, 2016. Disponível em: <<https://integralworks.com.br/noticias/iw16002>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2018.

MATURANA, Humberto R; VARELA, Francisco J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MATURANA, Humberto R. *A ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

NICOLELIS, Miguel. *O Verdadeiro Criador de Tudo: como o cérebro humano esculpiu o universo como nós o conhecemos*. 3. ed. São Paulo: Planeta, 2020.

SHANNON, Claude. *A Mathematical Theory of Communication*. Bell System Technical Journal, 1948. Disponível em: <<https://people.math.harvard.edu/~ctm/home/text/others/shannon/entropy/entropy.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

TRENDINNICK, Andre Felipe Alves da Costa; FERREIRA, Juliana Lopes (Org.). *Conversando sobre constelação familiar na Justiça*. Florianópolis: Tirant Lo Blanch, 2019.

WIENER, Norbert. *Cibernética ou comunicação e controle no animal e na máquina*. Cambridge, Massachusetts: The M.I.T. Press, 1985. Disponível em: <https://www.academia.edu/41557271/Cybernetics_or_Communication_and_Control_in_the_Animal_and_the_Machine_Norbert_Wiener>. Acesso em: 23 jan. 2023.